

# Prisioneiros do deserto

Ele violara o primeiro mandamento do deserto,  
e agora duas vidas estavam em perigo

FRANK T. BOYLAN JR.



**N**ÃO pressenti o perigo do entorpecimento dos sentidos causado pelo deserto quando nessa manhã, distraído, passeava de carro. Tinham-me prevenido sobre os perigos de dirigir

no deserto, e eu sabia que aquela terra era como uma fera esperando para lançar suas garras sobre quem inadvertidamente se aventurasse em seus domínios, mas sentia-me feliz demais para me deter nesses

pensamentos. Nossa primogênita, Lisa, completava seis meses nesse dia, e eu pensava na festa que íamos dar.

Subitamente, pareceu-me que mãos enormes agarravam as rodas de meu carro, que lhe retardavam o andamento, obrigando-as por fim a parar. Eu tinha ficado atolado na areia. O silêncio era total, nada se movia. Apenas um painel de instrumentos cheio de luzes vermelhas – e Lisa dormindo no banco de trás. Voltei a ligar o motor, mas foi inútil.

Saí, e fiquei enterrado até os tornozelos na areia da Arábia Saudita, olhando a rodovia de inspeção do *pipe-line* que acabáramos de percorrer. A estrada estava agora, às primeiras luzes da manhã, sombreada pelas dunas. O rastro dos pneus aparecia branco no lugar em que o carro tinha penetrado na camada superior da areia cor de ferrugem. Nossa casa ficava a mais de 32 tórridos e secos quilômetros dali, e lá minha mulher, Cary, deveria ainda estar dormindo. Eu saíra de madrugada para passear com Lisa, a fim de que Cary pudesse dormir mais um pouco.

Em algum lugar ali pelo meu estômago, o pânico se esforçava por dominar-me. Não havia telefone, nenhum outro carro aparecia, ninguém próximo para ajudar a empurrar ou a escavar. Felizmente o bebê tomara há pouco uma mamadeira cheia de leite! Ajoelhei e afastei a areia solta do eixo das rodas traseiras. A chapa do fundo do

Volkswagen assentava sobre o deserto.

Pensei em caminhar até em casa. Eu já fizera 30km a pé, mas agora a distância poderia ser maior, e sabia que o primeiro mandamento para quem fica enterrado no deserto é: «Não abandone o carro.» Está bem, disse para mim mesmo, mas ninguém sabia aonde eu tinha ido. Ninguém saberia onde me procurar. Poucos dias antes, um motorista abandonara seu caminhão e dirigira-se a pé para uma chama de gás que avistara. Foi encontrado morto, com os lábios azulados e a língua inchada. A idéia de ver Lisa assim fez-me sentir agoniado.

Rodei novamente a chave da ignição. O som do motor não me dava esperanças. Saí para limpar os tubos de escape da areia. Entrei de novo e soltei a embreagem. Nenhum movimento. Nada.

Escavei mais a areia em redor do eixo das rodas. Lisa choramingou. Trouxe-a para fora e coloquei-a na areia, sobre um cobertor à sombra do carro. Seu rostinho lindo não mostrava o menor sinal de receio.

Deitei-me de costas para cavar, e a areia que tombava do lado inferior do carro entrava-me constantemente nos olhos. Lisa estava estranhamente calma. Olhei para cima e vi moscas negras em volta de sua boca e nariz. Antes de me aproximar, ela começou a gritar e a esfregar as mãozinhas fechadas no rosto. As moscas não fugiam, afastando-se apenas alguns centímetros. Entrei realmente em pânico.

Mantendo Lisa protegida pela sombra do meu corpo, passei com ela no colo calmamente, como fazia quando ela acordava de noite com um pesadelo. Enquanto caminhava, eu ia pensando. Já haviam decorrido duas horas desde que ficara imobilizado na areia, e muito tempo passaria ainda antes que alguém aparecesse naquele lugar. Sozinho, nunca conseguiria tirar dali o carro. Tinha água num pesado recipiente de 20 litros, mas como fazer que um bebê de seis meses a bebesse?

Com Lisa no colo, subi a duna mais próxima e só vi areia, areia quente e reverberante sob a persistência do sol. Nem uma tenda, nenhum animal ou árvore – nem sequer plantas do deserto. Notei então ao longe, no horizonte sul, alguma coisa pequenina e muito reta. Na natureza, as coisas não crescem assim tão verticais. Tinha de ser o topo da torre de perfuração que eu visitara na semana anterior. Onde houvesse uma torre havia homens, com automóveis e telefones.

Pensei em deixar minha filha no carro, protegida do sol. Eu poderia caminhar sozinho. Não deveria levar muito tempo a chegar até lá, mas no deserto as coisas parecem estar mais perto do que na realidade estão. A marcha na areia é muito lenta. No interior do carro devia fazer muito calor, e não podia deixar as portas abertas por causa das moscas. Não, ela estaria melhor comigo.

Tirei o recipiente da água para fora do carro. Devido a seu peso,

concluí que não poderia carregar o bebê e a água. Tentei fazer que Lisa bebesse alguma num copo. Ela pensou que era uma brincadeira, riu-se e fez borbulhar a água. Com os dedos, abri-lhe a boca e derramei-lhe uma gota na garganta. Lisa tossiu e cuspiu, e seu pijama de flanela azul ficou todo molhado na frente. Não tentei enxugá-lo. A água iria retardar a desidratação durante a caminhada. Bebi depois vários copos de água seguidos, até não poder mais.

Rasguei um copo de papel, onde escrevi com lápis vermelho uma nota: «11:50. Vou andar em direção à torre de perfuração situada entre o local onde me encontro e Ras Tanura. Posso vê-la a sudoeste. O bebê vem comigo. Estamos bem.»

Assinei, escrevi o número do distintivo de minha companhia e coleí a nota ao volante.

Lisa choramingou uns instantes quando lhe ajeitei a cabecinha loura dentro de minha camisa. Aconcheguei seus pés do outro lado. O resto do corpinho estava completamente coberto pela camisa de dormir de flanela. Quase imediatamente, ela adormeceu. Pareceu-me bom demais para ser verdade.

Comecei a andar rapidamente. Haviam decorrido já seis horas desde que tínhamos saído de casa. Agora, Cary estaria certamente ao telefone, convencida de que qualquer coisa havia acontecido. Nossos amigos com certeza estariam ligando os motores de seus carros e apontando para mapas estendidos sobre capôs de Land-Rovers.

O vento soprava sobre a superfície arenosa, produzindo um som seco e penetrante; o sol se elevava, indiferente de todo ao dar ou tirar vida; e o coração de Lisa batia lenta e confiadamente contra meu peito. «Vou tirar você daqui, Lisa», disse alto, ficando surpreendido de ouvir uma voz.

Minha filha dormia. Eu continuava a caminhada sob uma temperatura de 40°C. O suor me refrescava, porque secava imediatamente. O bebê transpirava contra meu braço, mas minha camisa e o pijama dela impediam uma perda líquida excessiva. Eu iria sofrer mais com a sede do que Lisa.

Quando transpus uma duna alta, vi novamente a torre de perfuração – muito pequena, distante, mas estávamos nos aproximando dela. De repente, enfiei minha perna num buraco da superfície salgada do deserto onde existira um lago pouco profundo. Ao retirá-la de volta, ela escorria um líquido leitoso, mas estava ilesa. O líquido secou imediatamente, mas ela ficou coberta de uma camada branca.

Passei por pequenos arbustos, por pegadas ovais de camelo. Um lagarto cor de areia fugiu dos meus pés. Um besouro enorme e preto, com garras semelhantes às de um caranguejo, passou rolando uma bola de excremento seco de camelo que tinha o triplo do seu tamanho.

Por vezes, Lisa remexia-se dentro da minha camisa, acordando e adormecendo novamente. Eu tinha de aproveitar bem o tempo en-

quanto ela dormia. «Depressa», dizia para mim mesmo de vez em quando. Não havia uma única sombra.

Caminhava há duas horas, e Lisa continuava dormindo. Às vezes sentia necessidade de confirmar se ela ainda estaria viva. Uma criança aos berros pareceria mais natural no meio daquele pesadelo.

*Slap, slap*, ecoavam minhas sandálias através da dura marga salgada. Ao longe avistavam-se indistintas montanhas, por entre dunas macias de declives ondulantes e abruptas superfícies escorregadias, que entravam por vales às vezes de mais de um quilômetro de largura, vacilantes sob o calor. *Slap, slap, slap*. Eu mal divisava longínquas miragens – lagoas quentes movendo-se numa vibração hipnótica. Compreendi então como alguém meio louco de sede pudesse caminhar aos tropeções para essas trilhas de prata, acreditando que fossem água.

Eu não estava enlouquecendo, mas sentia os lábios cada vez mais secos. Não vislumbrava nenhum animal, sequer uma ave.

Podia agora ver o oásis onde estava instalada a torre. Ela sobressaía entre as palmeiras. De carro seriam necessários apenas alguns minutos para chegar lá. Eu sentia a impressão de rastejar. O pescoço me ardia, os braços que seguravam o bebê doíam. Tinha a sensação de que os dedos dos pés estavam crescendo e inchando. (Realmente cresceram bolhas de sangue nas plantas dos meus pés.)

As moscas percorriam meu rosto, à espera que eu abrisse a boca; se as enxotasse, elas se afastariam um pouco, para logo voltarem outra vez. O pijama de flanela azul estava coberto de moscas. Que viessem; não podiam tocar em Lisa. Quase gostava delas; eram seres vivos.

*Slap, slap, slap, slap.* Concentrei-me no movimento de erguer e baixar os pés.

Foi então que, entusiasmado, ouvi ruído de água jorrando, cheia de promessas refrescantes de vida e descanso; mas essa água na verdade não existia... somente areia. Tratava-se apenas de uma árvore, meio enterrada na areia, cujos ramos agitados pelo vento do deserto produziam um ruído que a distância soava exatamente como água corrente.

Não muito longe dali, então, descobri que havia água utilizada para rega – poluída, esverdeada e coberta de limos. Se bebêssemos dessa água, em breve nos arrependeríamos. Tive de andar mais 750m para contornar a vala, por entre palmeiras de ramos oscilantes e com pontas aguçadas como espadas.

Lisa acordou. Esperava que ela gritasse e ficasse irrequieta, mas manteve-se num silêncio apático.

Do meio das árvores eu não podia ver a torre. Se não a localizasse, iria vaguar durante horas. Subi às dunas e estiquei o pescoço. Nada.

De repente, vi-me fora do oásis. Lá longe, a 200m, erguia-se a torre. Ali perto havia duas cabanas de beduínos. Arrastei-me até lá. Minhas pernas tremiam. Tive que me dominar para não gritar.

Uma mulher coberta de véu saiu da cabana mais próxima, olhou atentamente para mim e dirigiu-me a palavra em árabe, apontando para minha trouxa. Mostrei-lhe o bebê. Sua mão ergueu-se rapidamente para onde deveria estar a boca, encoberta pelo pano. Procurou o seio e ofereceu-o a Lisa, pedindo ao homem perplexo que se encontrava defronte dela que a deixasse amamentar a criança.

Não estou muito certo sobre o que aconteceu depois. Lembro-me de luzes na plataforma da torre, e de estar dentro de um carro com alguém ao meu lado que tinha Lisa no colo. Tive de utilizar ambas as mãos para conseguir engolir a água que me ofereciam.

Finalmente, voltamos para casa. Cary começou a chorar, repetindo: «Graças a Deus, vocês estão salvos! Estão bem!»



UM GRUPO de padres, excursionando pela Austrália, foi acomodado em certa cidade no dormitório de uma escola feminina, desabitado por tratar-se do período de férias. Encontraram ali este aviso: DE NOITE, SE QUISER A EMPREGADA, TOQUE A CAMPAINHA.

— «Peterborough», em *The Daily Telegraph*, Londres

# Entre Aspas

A HUMANIDADE nunca teve uma inspiração tão feliz como quando fez uma catedral.

– Robert Louis Stevenson

O PERÍODO crítico do casamento é a hora do café da manhã.

– Alan Patrick Herbert, *Uncommon Law*

O TEMPO melhora o vinho, os juroos compostos e – que eu saiba – nada mais.

– T. H. T.

O PAPEL normal de um amigo é pôr-se do nosso lado quando estamos errados. Quase ninguém toma o nosso partido quando temos razão.

– Mark Twain

NOS RIOS, a água que a gente toca é a última daquela que passou e a primeira da que está chegando; o mesmo acontece com o tempo presente.

– Leonardo da Vinci

TODOS os homens são Napoleão para seus cães; não é por outra razão que os cães são populares.

– Aldous Huxley

TUDO deveria ser tornado tão simples quanto possível, mas não mais simples.

– Albert Einstein

A COR da verdade é o cinzento.

– André Gide

O SILÊNCIO é a resposta demolidora.

– G. K. Chesterton

HOMEM verdadeiramente livre é aquele que sabe como recusar um convite para jantar sem apresentar uma desculpa.

– Jules Renard

SE VOCÊ quer saber o que ninguém sabe, leia o que todo mundo lê, mas... um ano mais tarde.

– Ralph Waldo Emerson

O CÚMULO da confiança é ficar de pé sobre uma rede de dormir. – McN. S.

AS FÉRIAS são quase como o amor: aguardadas com prazer, vividas com desconforto e... recordadas com nostalgia.

– T. P.